

diário da manhã

rib. preto
domingo
28-6-1970

é uma EDIÇÃO
REGIONAL
nordeste - sp

GRUPO CAIPIRA EXPÕE EM CAMPINAS, DESDE DIA VINTE

Nada menos que 15 pintores ribeirão-pretanos estão expondo seus trabalhos na 1.a Exposição do Grupo Caipira, do Museu de Arte Contemporânea de Campinas, aberta no dia 20.

Adelaide Sampaio, Bassano Vacarini, Elvira Rita Valente, Francisco Amêndola, Fúlvia Gonçalves, Fernando Deano, Iria Jemma, Marcia de Nipoti de Andrade, Marcia Elisa Bechelli, Maria Helena Sponchiado, Maria Inês Crivelenti dos Santos, Maria de Lourdes Sampaio, Odila Mestri-ner, Tânia Giorgi Jorge e Ulieno Ciccí, são os nossos artistas nessa mostra importante.

A promoção é da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas e a organização, do crítico de arte, professor, diretor de faculdade em Ribeirão Preto, Pedro Manuel Gismondi.

Outros nomes bastante conhecidos participam do acontecimento: Wesley Duke Lee, Suzana Fagundes Lima, Raul Porto, Mario Bueno, Maria Helena Motta Paes, José Antonio Van Acker, João Moretti Bueno, Evandro Carlos Jardim, Ermelindo Nardin e Bernardo Caro, completam, com o pessoal daqui, a longa lista.

Para quem se interessou e não sabe, o Museu de Arte Contemporânea, fica, em Campinas, à avenida Saudade, 1004.

Eis o que Gismondi escreveu, sobre a "exposição caipira":

"Não se trata de ver se existe ou não uma revolução cultural na Europa, nem se esta coloca em questão a civilização de consumo. Também é de menor importância o fato de nós caipiras participarmos com maior ou menor amplitude da citada civilização. Nula é a finalidade prática que leva o artista a realizar uma obra de arte, se a enfocamos como expressão fantástica e lírica (a arte é sempre lírica) de uma mundovivência.

Contestar o consumo como elemento normativo, ético, de uma determinada sociedade, fazendo da poeira e das bolinhas de ping pong o suporte ou o elemento material da fixação, da idéia criadora, é a mesma coisa que fazer castelos na areia.

A diferença que encontramos situa-se nas palavras e nas declarações dos pretensos artistas que afirmam contestar para justificar sua impotência e esconder a falta da força criadora. Não é a leitura da forma (a única fonte de identificação da obra de arte) a revelar o conteúdo insubmisso e contestador. A simples, estéril e invulgar intenção é a grande padroeira destes deuses da revolução, que pelas mãos dela atingem o paraíso vanguardeiro e super snob, situado além da torre de marfim, da "conceptual art". Arte dos contestadores, que não mostram, mas fazem pensar e apelidam suas "criações" com um nome escolhido pelo mesmo processo usado pelos industriais ao batizar seus produtos novos.

Pelo que dissemos, por ser irrelevante qualquer finalidade prática em termos de criação artística, e a "idéia" em si não ter uma participação direta na realização das formas artísticas, o grupo caipira, que pela primeira vez se apresenta formalmente ao público, aqui em Campinas, não elegeu nenhuma intenção para em redor dela congregar-se. Apenas consciente do fato que as experiências e os sentimentos traem os artistas e colaboram na criação da forma, mais do que as intenções lúcidas e conscientes manifestadas com outros recursos, estranhos à obra de arte, se congregou partindo do princípio que o ambiente, a região e a cultura do lugar em que o artista vive é fatal e involuntariamente um elemento comum a todos os outros que dele participam.

Temos no Brasil algumas regiões onde o aspecto folclórico e a originalidade exótica marcam de maneira evidente as manifestações culturais e caracterizam facilmente seus componentes. Trata-se do Rio Grande do Sul, da Bahia, do Nordeste e da Amazônia.

O planalto que se estende além da metrópole paulistana, alcança parte do Paraná e de Minas, pelo desenvolvimento de seus centros urbanos, pelo clima, pelas lavou- ras em muitos casos afins às européias, pela grande porcentagem recebida de imigrações recentes não muito se afasta das condições existentes na Europa.

Talvez por isso a cultura, desta região seja menos fácil de ser captada e determinada, mas ao mesmo tempo mais interessante e fecunda. Evidentemente é extremamente dinâmica em constante transformação, mas não por isso ainda em formação. Pois a cultura, por pobre e bisonra que seja, por pouco sedimentada ou evoluída que se apresente, é sempre algo de real, existente e constituído; mais ou menos sensível às novas exigências. E a maior aptidão em aceitar modificações é antes um sintoma de mocidade e não de existência futura. A cultura desta região, apoiada sobre as mais diferentes raízes étnicas, produto equilibrado de heranças portuguesas, bugres, negras, italianas, sírias e japonesas, com reflexos de outras nacionalidades, apresentando numerosos traços comuns a outras áreas, reúne contudo requisitos específicos.

O sentido telúrico do índio, a pertinácia do português, a coragem atrevida do mameluco, a mansidão do negro, o confiante otimismo do italiano, são os traços comuns ao caipira de hoje, trabalhador alentejano e incansável que com feroz desenvoltura enfrenta o sertão de Goiás e as ruas de Paris, o lombo de burro nos ermos perdidos e o jato super-